

**MOVIMENTOS CORPORAIS NA GINÁSTICA ARTÍSTICA: PARA ALÉM DA  
ESTEREOTIPAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Thiago Camargo Iwamoto<sup>1</sup>

1- Universidade Católica de Goiás. Doutor em Educação Física (UnB).

[thiagoiwamoto@outlook.com](mailto:thiagoiwamoto@outlook.com)

**RESUMO**

O objetivo do manuscrito é de refletir sobre os ideários construídos, a partir das convenções sociais, sobre as questões de gênero e sexualidade em torno da ginástica artística e movimentos vinculados a essa. Para tanto, foi utilizado como procedimento uma pesquisa bibliográfica, constituindo esse material como um ensaio. As práticas corporais, especificamente a ginástica artística, tiveram fortes influências do método ginástico alemão, esse que também sistematizava as práticas de acordo com o "sexo". O código de pontuação apresenta critérios que reforçam os ideais binários de masculinidade e feminilidade, fato que também é perceptível na sociedade e pelas estruturas estruturantes. As estruturas institui características dos movimentos e técnicas corporais, estigmatizando como pertencentes ao universo masculino e feminino, aqueles que não se enquadram dentro desses padrões são rotulados pela sociedade e, em alguns casos, dentro dos esportes. Entendemos que as distinções dessas técnicas corporais em relação a masculinidade e feminilidade estão fortemente relacionadas com as convenções sociais e culturais, definindo o que é aceitável ou não. Ademais, as estruturas sociais reforçam determinados paradigmas que estereotipam as práticas corporais, afastando os possíveis praticantes de adentrar nos esportes, incluindo a ginástica artística.

**Palavras-chave:** Ginástica Artística; Gênero; Técnicas Corporais; Estereotipação.

**CORPORATE MOVEMENTS IN ARTISTIC GYMNASTICS: BEYOND GENDER  
STEREOTIPTION AND SEXUALITY**

**ABSTRACT**

The manuscript aims to reflect on the ideas built, from the social conventions, on the issues of gender and sexuality around artistic gymnastics and movements linked to it. For that, a bibliographic search was used as a procedure, constituting this material as an essay. Body practices, specifically artistic gymnastics, had strong influences on the German gymnastic method, which also systematized practices according to "sex." The punctuation code presents

criteria that reinforce the binary ideas of masculinity and femininity, a fact that is also perceptible in society and structuring structures. The institutional structures characteristic of body movements and techniques, stigmatizing as belonging to the masculine and feminine universe, those that do not fit within these patterns are labeled by society and, in some cases, within sports. We understand that the distinctions of these body techniques about masculinity and femininity are strongly related to social and cultural conventions, defining what is acceptable or not. Also, the social structures reinforce certain paradigms that stereotype the corporal practices, distancing the possible practitioners to enter in the sports, including the artistic gymnastics.

**Key words:** Artistic Gymnastics; Gender; Body Techniques; Stereotyping.

## **MOVIMIENTOS CORPORATIVOS EN GIMNASIA ARTÍSTICA: MÁS ALLÁ DE LA ESTEREOTIPCIÓN DE GÉNERO Y LA SEXUALIDAD**

### **RESUMEN**

El propósito del manuscrito es reflexionar sobre los ideales construidas, a partir de las convenciones sociales, sobre los temas de género y sexualidad en torno a la gimnasia artística y los movimientos vinculados a ella. Para ello, se utilizó una búsqueda bibliográfica como procedimiento, constituyendo este material como un ensayo. Las prácticas corporales, específicamente la gimnasia artística, tuvieron fuertes influencias en el método gimnástico alemán, que también sistematizó las prácticas según el "sexo". El código de puntuación presenta criterios que refuerzan los ideales binarios de masculinidad y feminidad, un hecho que también es perceptible en la sociedad y en las estructuras estructurantes. Las estructuras establecen las características de los movimientos y técnicas corporales, estigmatizando como pertenecientes al universo masculino y femenino, aquellas que no encajan dentro de estos patrones están etiquetadas por la sociedad y, en algunos casos, dentro de los deportes. Entendemos que las distinciones de estas técnicas corporales en relación con la masculinidad y la feminidad están fuertemente relacionadas con las convenciones sociales y culturales, definiendo lo que es aceptable o no. Además, las estructuras sociales refuerzan ciertos paradigmas que estereotipan las prácticas corporales, alejando a los posibles practicantes para ingresar a los deportes, incluida la gimnasia artística.

**Palabras clave:** gimnasia artística; Género Técnicas del cuerpo; Estereotipos.

### **INTRODUÇÃO**

As questões sobre gênero e sexualidade ainda são um tabu dentro da sociedade, havendo um discurso normativo sobre o que legitima o homem e a mulher, o masculino e o feminino, a heterossexualidade e a homossexualidade. As normativas sociais corroboram para a naturalização dos comportamentos a partir do sexo, intervindo sobre a perspectiva do gênero e da sexualidade dos sujeitos. A ordem compulsória de sexo, gênero e desejo é fortemente reforçada dentro da sociedade que visa controlar os corpos. Os campos esportivos são instituições que influenciam e são influenciadas pelas estruturas sociais, e que ao analisar reflexivamente determinadas áreas esportivas, podemos identificar algumas prerrogativas acerca do corpo, dos movimentos e das técnicas corporais, seguindo o ideário hegemônico de

masculinidade e feminilidade. Assim, os esportes são reforçadores das categorias binárias de gênero, não só por instituir duas categorias (masculina e feminina), mas por avigorar a natureza dos movimentos e técnicas corporais de acordo com as categorias.

Quando pensado no conteúdo da ginástica, é identificável uma amplitude de conceitos sobre a mesma, sendo que há aproximações com conceitos de atividades físicas/exercícios físicos e os elementos que a permeiam. Se buscarmos esses elementos, entenderemos a ginástica como o ato de movimentar-se, vinculado aos movimentos básicos do ser humano, como andar, correr, saltar, nadar, arremessar, girar, rolar, trepar e outros. Afunilando essa questão e demarcando a ginástica artística como campo de análise, verificamos que historicamente existe uma organização de acordo com o gênero, de modo a atender as necessidades funcionais do corpo para com a sociedade. Em todo o percurso histórico há menções às diferentes práticas de ginásticas para homens e mulheres, fundamentando-se na prerrogativa de que os corpos eram diferentes e haveria necessidades de estímulos específicos. Além disso, as práticas de ginástica foram modificadas de acordo com o período histórico e os interesses da mesma e da sociedade.

A partir dessa breve introdução, articula-se como objetivo da pesquisa a propositiva de refletir sobre os ideários construídos a partir das convenções sociais sobre as questões de gênero e sexualidade em torno da ginástica artística, movimentos e técnicas corporais vinculadas a essa. Para a construção do presente manuscrito, utilizou-se como propositiva o estudo ensaístico com base em uma pesquisa documental, tendo como fonte uma pesquisa bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2010). A temática gênero e sexualidade foram baseados nas obras de Judith Butler, Silvana Vilodre Goellner, João Paulo Fernandes Soares, Ludmila Mourão e Leandro Teófiolo de Brito; Marcel Mauss para a discussão de técnicas corporais, juntamente com Pierre Bourdieu para alicerçar a reflexão em torno de *habitus*, campo e estrutura estruturante; por fim, Elizabeth Paoliello e Myrian Nunomura para o trato sobre a ginástica. Ao trazemos alguns autores de vertentes diferentes, como Butler, Bourdieu e Mauss, entendemos que há uma historicização da sociedade, das ações humanas e da linguagem, isto é, os autores preocupam-se em tratar sobre performatividade, *habitus* e técnicas corporais, respectivamente, e como isso tem relevância e interferência da sociedade.

### **Trajatória da Ginástica Artística: historicidade e movimentos**

Fica claro para os discursos sobre esportes e gênero, que há uma categorização dicotômica de gênero (SOARES; MOURÃO, 2017), e a ginástica não se afasta dessa prerrogativa. A ginástica mesmo com sua característica como prática corporal que favorece o

desenvolvimento das diversas dimensões do ser humano, ainda segrega pessoas por classe social, gênero e sexualidade, raça/etnia. Embora Nunomura e Tsukamoto (2009) relacionem a ginástica a um desenvolvimento harmônico da dimensão sócio afetiva, com diversas formas de trabalhar e de assimilar valores e princípios humanos a partir de uma diversidade de movimentos sistematizados, utilizando ou não materiais, o preconceito sobre a modalidade ainda é evidenciando na sociedade brasileira.

Em uma análise genealógica, é evidente a existência do movimento humano desde o período da Pré-história, passando pelas incipientes formas de sistematização na Idade Antiga, declínio durante a Idade Média, emergindo na Idade Moderna, principalmente pelas primeiras formas de organização e sistemas de ginástica, com base científicas e que evoluíram na idade contemporânea (PAOLIELLO, 2011). A categorização das práticas se tornou evidente após o período em que funções sociais ou papéis sociais, sobretudo os sexos, foram estipulados como forma de distinção. Considera-se que a mulher sempre esteve relacionada com a desestabilização epistemológica, não havendo representatividade e/ou lugar de fala nas obras que tratam sobre as mulheres nos diversos períodos históricos. Ademais, as mulheres da Antiguidade já eram reconhecidas como inferior ao homem visto toda a estrutura anatômica fisiológica. Mas será esse fato concreto, uma vez que os homens, nas falas e obras históricas, sempre representaram o poder e a supremacia social? Situação que jamais será respondida, e mesmo que mulheres tenham conseguido seus espaços e direitos, empoderando-se, ainda há a prevalência do poder masculino (BOURDIEU, 2002).

A prática corporal de ginástica, desde sua sistematização inicial já realinhava as diferentes práticas, compreendendo para além das relações que se estabeleceriam naquele espaço. Preocupava-se, sobretudo, com as condições anatômicas e fisiológicas dos homens e mulheres, além da formação cívica e moral daqueles envolvidos. Na atualidade, os diversos campos de atuação da ginástica estão alinhados com a intencionalidade da prática, podendo ser competitivo, de consciência corporal, condicionamento físico, reabilitação e demonstrativo (PAOLIELLO, 2011). O binarismo de gênero, masculino/feminino, está presente nesses campos de atuação da ginástica, onde as práticas corporais são, ainda, diferenciadas para homens e mulheres.

No caso da ginástica competitiva, a influência dessa categorização é muito evidente, sendo a ginástica rítmica a modalidade mais emblemática dessa situação. Essa modalidade é reconhecida pela grande maioria das pessoas e instituições como um esporte somente para as mulheres. Nessa modalidade o diálogo sobre a feminilidade e todos os pressupostos que permeiam a ideia de mulher, como elegância, leveza e graciosidade são ressaltados durante

uma apresentação coreográfica. No senso comum os homens não poderiam realizar a ginástica rítmica. Na atualidade já existem instituições e países que reconhecem a ginástica rítmica masculina, autorizando competições da modalidade para essa categoria, como é o caso de Espanha, Japão, Canadá, Rússia, Estados Unidos da América e Austrália. Mesmo que se tenha aberto essa possibilidade e o reconhecimento por parte de alguns, a Federação Internacional de Ginástica (FIG) ainda não aprovou essa modalidade masculina.

Em específico a ginástica artística, objeto de investigação desse trabalho, possui sua origem no método de ginástica alemã (SOARES, 2001). Durante o período de consolidação dessa e dos demais métodos ginásticos houvera distinções entre as práticas e movimentos para homens e mulheres, respeitando o papel social de cada um. O Movimento do Centro da Alemanha propôs o método como uma forma de melhorar os corpos, em uma perspectiva higienista, de patriotismo, para a moral e civismo (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009). As práticas corporais fortalecidas pelo método alemão enfatizava uma formação militar como modo de preparação para os sujeitos, tendo uma carga de treinamento muito mais intensa para os homens visto que precisariam para a expansão e defesa territorial. Assim, a natureza das práticas de ginástica na Alemanha era direcionada para todos, mas com distinção nos treinamentos de acordo com os gêneros, uma vez que havia legislações que normatização o acesso em determinados espaços.

Historicamente, a ginástica na Alemanha foi idealizada por Friederich Ludwing Jahn, e que foi influenciado por Guts Muths. A ideia principal dessa prática era para o fortalecimento da população e a libertação de uniões políticas com outros países (QUITZAU, 2015). No início, as práticas de ginástica eram percebidas pelo governo como uma forma de oposição, situação que culminou no bloqueio ginástico. Com esse bloqueio as práticas se reconfiguraram para ambiente fechado e com outros aparelhos adaptados (PUBLIO, 2002). Epistemologicamente, não é evidenciado o nome de nenhuma mulher de destaque durante o período de organização da escola de ginástica alemã, especificamente entre 1811 e 1819. Situação que de fato oculta a visibilidade feminina e lugar de fala da mulher na solidificação dessa escola, dando um poderio masculino para as práticas de ginástica daquele período.

Nesse período da Idade Moderna, a escola alemã defendia a ideia de que os corpos de homens e mulheres eram funcionalmente distintos, e que as práticas deveriam atender a essas necessidades específicas dos “sexos”. As mulheres realizavam exercícios com menos vigor e exigência física do que os homens, justificando-se pela vulnerabilidade do corpo feminino e a maternidade. Embora houvesse a ideia de que o patriotismo e nacionalismo seriam conseguidos a partir de “homens e mulheres fortes, robustos e saudáveis” (SOARES, 2001, p.

53), a ginástica era diferenciada para esses. Tamanho e impactante é o discurso machista e patriarcal desse período que as mulheres só poderiam realizar as práticas gímnicas quando solteiras, pois ao casarem deveriam dedicar-se a maternidade e à família. Essa estruturação se torna simbólica nesse momento e nos demais períodos a seguir.

A ginástica alemã passou por várias transformações estruturais, sendo a ginástica artística uma das modalidades originadas por essa. As invenções e transformações também se adequaram de acordo com o “sexo”, partindo do pressuposto do essencialismo biológico. Fruto da Escola de Ginástica Alemã, a ginástica artística possui requisitos de um conservadorismo (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011), mantendo um regimento tradicional de treinamento e das competições. Percebe-se a força do conservadorismo sobre as práticas de ginástica artística uma vez que ainda são baseadas em elementos, movimentos e técnicas corporais, em aparelhos diferenciados e performances competitivas para homens e mulheres, o que acaba por categorizar em ginástica artística masculina e ginástica artística feminina.

A FIG é o órgão regulamentador de todas as ginásticas competitivas (artística, rítmica, aeróbica, acrobática e de trampolim), além da ginástica demonstrativa (Ginástica para Todos). Essa instituição é encarregada de sistematizar os regimentos internos das modalidades e promover eventos dessas modalidades. Para as distintas modalidades de ginásticas há um Código de Pontuação (CP) que apresenta as funções, direitos e deveres para os árbitros, técnicos e ginastas, de modo que contribua e oriente a todos e todas durante as fases de treinamento e de competição (CARRARA; MOCHIZUKI, 2011; FIG, 2016; 2018). Mesmo que esse órgão reestruture seus documentos normativos a cada quatro anos, ainda há influências da essência tradicional. Mesmo que a FIG seja considerada como a instituição suprema da modalidade, que os regimentos são o que há de mais precioso e que há comissões técnicas especializadas para desenvolver e analisa-las, nós, enquanto pesquisadores e estudiosos<sup>1</sup>, podemos ter reflexões críticas, apontamentos positivos e negativos sobre essas estruturações. Entendemos que todo e qualquer material são passível dessas ações, seja em qualquer nível hierárquico administrativo e social. Nesse sentido, abarcamos que a FIG e o CP são bem enfáticos sobre o binarismo de gênero, apresentando normas específicas para o masculino e feminino, além dos aparelhos que compõem essas categorias e a forma de avaliação de cada coreografia realizada.

---

<sup>1</sup> O pesquisador, nessa situação, se apresenta com experiências como ex-atleta, ex-técnico, árbitro estadual e colaborador de um grupo de ginástica para todos.

Mesmo que todo o processo genealógico da ginástica, sobretudo da ginástica artística, aponte para uma posicionamento de superioridade do homem, a perspectiva atual foge a essa historicidade. Basta observar as práticas de ginástica atualmente, quem são os grupos de pessoas que mais tem interesse e realizam tais atividades, quais são os estereótipos construídos acerca dos praticantes de ginástica e como a ginástica é conceituada por outras pessoas. Todas essas pontuações são demarcatórias para diminuir a adesão de pessoas, nessas situações, por mais contraditória que seja, de homens.

### **Questões de gênero e sexualidade**

Sobre gênero e sexualidade nas práticas esportivas é possível identificar a partir de um relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2017) um ranking das atividades físicas e esportivas<sup>2</sup> mais realizada, constatando que a modalidade mais praticada é a caminhada (37,6%), enquanto a ginástica refere-se somente a 1,7%. No entanto, não especifica qual o tipo de ginástica. Quando relacionado as práticas e o gênero, foi identificado que essa modalidade é menos praticada por homens (0,6%) do que mulheres (3,0%). Com isso e a partir de nossas vivências em espaços destinados a prática de ginásticas e diálogos com outros professores de Educação Física e técnicos da modalidade, identificou-se que há um maior interesse por parte do público feminino para as práticas da ginástica, uma vez que há uma aproximação com as questões de feminilidade.

Inicialmente, existe a necessidade de contextualizarmos o que vem a ser gênero e sexualidade, de modo a permitirmos uma maior leitura sobre a relação entre a ginástica artística e à temática acima. É evidente o enfrentamento do conservadorismo e posicionamentos políticos e religiosos com os Estudos de Gênero e Sexualidade. Preferem proferir falácias que constroem preconceitos do que ampliar os diálogos sobre a temática de gênero, reforçando o que já são institucionalizados a partir de convenções sociais. Há instituições que estruturam situações, comportamentos e pensamentos, alinhando a ideia binária de gênero e sexualidade, sobretudo instituindo que há uma ordem compulsória do sexo, gênero e desejo. Situação que também é reforçada nos esportes.

Judith Butler discorre sobre as performatividades de gênero em uma abordagem do construtivismo social. Apesar disso, Butler em *Problemas de Gênero* dialoga com autores estruturalista, como Bourdieu e Mauss, para tratar sobre as configurações sociais que delimitam o binarismo de gênero. Mesmo que o conceito de gênero possua uma

---

<sup>2</sup> Terminologia utilizada pelo relatório do PNUD (2017).

complexidade, Butler (2017) aponta que é um “conjunto interdisciplinar e pós-disciplinas de discursos”, sendo necessário compreender muito mais do que um paradigma ou pensamento, mas em uma objetivação de operações.

O gênero não é definido por “ser” homem ou mulher, mas por um conjunto de situações estabelecidas que levam as pessoas a se identificarem dessa forma. É “impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais [...]” (BUTLER, 2017, p. 21). Com isso, entende-se que instituir o que é ser homem ou ser mulher a partir do essencialismo biológico é uma forma de controle social já preestabelecido para que as pessoas atendam as convenções, onde essas características biológicas serão delimitadoras das funções sociais. Gênero transcende somente ao biológico, tem uma relação ampla com as vivências e experiências que os sujeitos percorrem ao longo da vida. Beauvoir apresenta “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, justamente por construir sua identidade, seu *self*, a partir das interação com o mundo e com o outro (BEAUVOIR, 2016).

Butler (2017) e Lanz (2015) definem que a sociedade é regida por um sistema binário de gênero que estabelece normativas e poderes definidores de como sujeitos deve-se identificar, comportar e pensar, incorporando mental e corporalmente nos sujeitos. É impossível tentar desvencilhar gênero de um posicionamento político. Lanz (2015) apresenta e reforça que gênero tem relações políticas, cultural e sociais. Ao refletirmos sobre a dimensão de política, é inevitável não correlacionar com poder, isto é, poder e políticas são situações concomitantes e inseparáveis. Assim, quando pensamos que gênero tem relação com política, é justamente como definidor de quem será dominante e dominado, independente e dependente. Essa situação tem ocorrido ao longo dos tempos, onde há uma dominação masculina como tratado por Bourdieu (2002). Para Bourdieu essa dominação tem uma relação com a hegemonia masculina e o poder simbólico que é dado ao homem, ao androcentrismo e a função social que esse tem sobre a sociedade. Podemos aproximar essa situação da perspectiva de Butler (2017) e de Lanz (2015), mesmo que sejam autoras com paradigmas epistemológicos distintos de Bourdieu, principalmente quando é distinguido que gênero também é político e de que gênero é performático. Ademais, há uma aproximação quando pensado em políticas de emancipação proposto por Bourdieu, Butler e Lanz, sobretudo quando analisado as formas estruturais que corroboram para uma realidade social.

Essas questões políticas, sociais e culturais são evidentes e reforçadas dentro das sociedades, em particular daquelas que ainda tem um pensamento ortodoxo sobre gênero e sexualidade. Na sociedade, em específico a brasileira, há sistemas simbólicos e estruturas estruturantes que conduzem comportamentos verbais e não verbais para determinada

categoria desse binarismo. Esses símbolos que são produtos das convenções sociais entre os diversos agentes da sociedade implicam na definição e distinção da categoria de homem e mulher (BOURDIEU, 1989; BUTLER, 2017). Basta observar como é conduzido todo o processo de educação familiar, onde desde que se identifica o sexo já se inicia um processo de educação e estereotipação a partir de símbolos predominantes em cada categoria.

A feminilidade e a masculinidade estão intrinsecamente relacionadas a esses apontamentos sobre gênero, maiormente quando relacionado com os papéis de gênero que também são definidos diante das características instituídas pelo contexto. Para Goellner (2010) só é possível existir a feminilidade e a masculinidade devido a reciprocidade existente entre esses. Discursos ortodoxos que afirma que ao homem cabe ser o progenitor, independente, agressivo, gostar de esportes e outras situações, enquanto a mulher fica restrito ao ser submissa, dependente, “do lar”, ser meiga e atenciosa (TRANGBÆK, 1997; TSUKAMOTO; KNIJNIK, 2009; BUTLER, 2017), ainda são presentes na contemporaneidade, constituído estereótipo das categorias.

Nesse processo estrutural ocorre a estruturação dos sujeitos mediante a incorporação das informações provenientes do meio, o que de fato é uma implicação impactante sobre o sujeito, uma vez que desconsidera enquanto sujeito único, com experiências e vivências individuais, além de como se identifica. Toda as informações proveniente do meio podem ou não ser incorporadas, dependerá de como essa tem e/ou faz sentido e significado para o sujeito (BUTLER, 2017). Quando de fato isso tem uma importância para a pessoa, então passará a fazer parte e estruturar o mesmo através de assimilação com as experimentações. O corpo, um dos aspectos identitários do sujeito, passa a apresentar e representar os sentidos e significados dessas vivências.

Muitas informações que chegam até os sujeitos tem o viés ortodoxo que tanto apresentamos, isto é, defende o binarismo de gênero a partir do sexo. É possível que uma pessoa de determinado sexo e gênero, não incorpore as informações dessas estruturas que pelas convenções sociais ou ideias hegemônicas deveriam ser referências. Essas pessoas rompem com a ordem compulsória que é naturalizada, de que há relações diretas entre sexo, gênero e sexualidade. Como exemplo podemos citar as pessoas homossexuais, essas que tiveram acesso as informações de que a heterocisnormatividade<sup>3</sup> é a única forma de se viver em sociedade e que qualquer desvio teria consequências profundas. Viveram sempre tentando se ajustar as normativas e aos símbolos que tiveram acessos, mas nunca se identificam ou

---

<sup>3</sup> Normativa que aponta que o aceitável é ser heterossexual e cisgênero, obedecendo a ordem compulsória e a biologia dos sujeitos.

assimilam esses. Mesmo que por tempos tenha vivido dentro do armário<sup>4</sup>, assumindo comportamentos que são considerados como “corretos”, algumas pessoas em determinado período da vida rompem com essa barreira, se expondo e assumindo suas reais identidades de gênero e sexualidade.

Além das questões de gênero, é importante entendermos que sexualidade é uma perspectiva que alcança dimensões para além dos aspectos afetivos-sexuais, que transcende para as questões do corpo, do comportamento e pensamentos. Fundamentar-se somente na orientação sexual é um tanto quanto reducionista, pois o corpo se movimenta e se representa diante do contexto, (re) construindo individualmente as identidades dos sujeitos (LE BRETON, 2013). Ademais, as sexualidades se apresentam em todos os momentos da vida dos sujeitos, e em determinados momentos tendo relação com questões de poder estabelecidas culturalmente pelas convenções sociais (BUTLER, 2017). Não obstante, há uma diversidade de manifestações identitárias de sexualidade, tornando-a plural. Complementando essas informações, Louro, Felipe e Goellner (2012) consideram que o corpo é a matriz da sexualidade, sendo que através dos movimentos e expressões corporais, é possível discutir sobre gênero e sexualidade de forma adequada, ou seja, as discussões devem fazer parte do cotidiano e em qualquer ambiente, uma vez que há uma diversidade de possibilidades desses diálogos de modo a minimizar consequências mais graves. Entendemos que quando discutido sobre essas temática as pessoas ficam mais alertas para qualquer tipo de assédio e/ou agressão.

Apesar dos estudos sobre gênero e sexualidade terem uma expansão e ampliação das discussões e publicações científicas nas diversas áreas do conhecimento, sobretudo da Educação Física, ainda carece de mais investigações. Discorrer sobre os aspectos hegemônicos e estereotipação de homem e mulher, masculino e feminino, heterossexual ou homossexual nos esportes faz-se necessário visto a atual conjuntura social de uma sociedade conservadora e tradicional como a brasileira, principalmente com o cenário política atual que verbaliza audivelmente frases como “Meninos vestem azul e meninas vestem rosa”.

### **Gênero, sexualidade e a Ginástica Artística**

Mesmo pensando que os esportes possibilitam transformações sociais, não seria possível a realização disso se ainda mantiver enraizadas em paradigmas tradicionais. Mesmo que os esportes tenham sofrido influências e evoluções providas da globalização e de novas

---

<sup>4</sup> Se escondendo na e da sociedade, principalmente por romper com a ordem compulsória de sexo, gênero e desejo.

informações tecnológicas, ainda se verifica certo conservadorismo no mesmo. Fica claro para nós, como apontado por Dos Anjos e Goellner (2017), que a separação de homens e mulheres nas competições ainda são reforçadas por paradigmas biológicos dos sexos. Para além disso, essa situação de categorização definem os espaços sociais desses sujeitos nos meios esportivos.

O espaço esportivo é um dos muitos espaços que permite uma (re) significação de sujeitos e de contextos, contribuindo para um novo *ethos* e símbolos que seriam capazes desse processo, tal como apresentado por Geertz (2017). Embora seja qualificado para o processo de (re) significação, o lócus esportivo ainda é capaz de consolidar características próprias e específicas de acordo com a forma de comportar, pensar e dialogar dos atores sociais. Mesmo que esse cenário possibilite essas transformações, ainda há de convir que muitos espaços esportivos reforcem aspectos sociais e culturais, como o caso da masculinidade e feminilidade.

Ao refletir sobre espaços híbridos, ou seja, que possibilitam a socialização mais receptiva com a diversidade de identidades como proposto por De Brito, Pontes e Pereira (2016), é possível ressaltar alguns espaços esportivos que concerne a essa proposta, como o voleibol, a ginástica artística, os saltos ornamentais e outros. Esses espaços possuem, internamente, uma organização que respeita as diferenças existentes. Embora se organizem e formatem um lócus híbrido, a ideia de esportes transpõe as barreiras do campo, quadra e/ou ginásio, atingindo a população em geral e que, por vezes, não seguem ao mesmos valores esportivos. A população em geral é influenciada e instigada pela cultura existente e pela forma vigente de se comportar e pensar, baseada em uma heterocisnormatividade, no caso da sociedade brasileira atual várias instituições públicas e privadas reforcem essa dinâmica.

Desse modo, os esportes que possibilitam o ingresso e permanência, sobretudo tendo uma maior visibilidade social de pessoas que transgridem a heterocisnormatividade, acabam por ser menosprezados por alguns sujeitos e instituições. No caso das práticas de ginástica e a ginástica artística acaba por ser estereotipada como uma modalidade voltada para o público feminino, se caracterizando por uma maior delicadeza, plasticidade, precisão, elegância e beleza. Esses estereótipos construídos impactam no número de praticante do gênero masculino por não terem interesse de adentrar ao universo das ginásticas e sofrerem ataques agressivos que questionem suas identidades. Assim, fica claro que há um número menor de homens praticantes de ginástica quando comparado com mulheres (PNUD, 2017).

De fato, homens que praticam a ginástica artística sofrem com a ideia popular de que são homossexuais, ou seja, existe os preconceitos com a ginástica associada a masculinidade,

e com a orientação sexual. Corroboramos com Gonçalves (2014, p. 102) de que esses fatores acabam produzindo e induzindo a uma “discriminação, estigmatização e violência contra o homem praticante desta forma de arte”. A incidência desse pensamento de masculinidade impacta diretamente sobre os ambientes, sobretudo nos possíveis praticantes, constringendo aquele que gostaria de adentrar à ginástica artística. No ambiente de treinamento e competição da ginástica artística não há uma grande visibilidade quanto aos preconceitos de gênero e de orientação sexual, no entanto, - não deixa de ser existente, - sendo velada. Assim, enfatizamos que mesmo que se apresente como um espaço que respeita a diversidade de gênero e sexualidade, ainda é um espaço regido pela heterocisnormatividade.

Analisando especificamente a ginástica artística e os aparelhos atuais, é perceptível que ainda traz algumas características da ginástica provinda da escola alemã, momento em que as atividades e os aparelhos eram distintos para homens e mulheres. As diferenças dos aparelhos masculinos e femininos ainda representam uma necessidade de demonstrar habilidades físicas específicas aos gêneros para a realização das séries coreográficas. O CP reforça essas questões ao apresentar critérios de avaliação, como os requisitos de composição<sup>5</sup> a serem desenvolvidos nas séries (FIG, 2016). Por exemplo, o elemento de força (*Strength elements*) é retratado no *Article* 12.2.2, alínea II e III do Código de Pontuação Masculino (FIG, 2018), enquanto no código feminino não há nenhuma referência quanto a elementos específicos de força, sendo massivamente evidenciado os elementos de dança e ritmo, como requisitos de composição para as mulheres. Essa determinação reforça a divisão binária na ginástica, sobretudo em separar as habilidades, os movimentos e técnicas corporais masculinas e femininas (SOARES; MOURÃO, 2017).

Outro elemento importante na ginástica artística são as formas e bancas de avaliação. Quando relacionado ao gênero há um indicativo maior para a avaliação da parte artística pela banca de execução na ginástica artística feminina, enquanto no CP da ginástica artística masculina não há referência sobre essa análise (FIG, 2016; 2018). Mesmo entendendo que a categoria masculina também se enquadra dentro do princípio artístico, visto a elaboração das coreografias, a plasticidade dos exercícios e as questões técnicas, não fica explícito no código, podendo se justificar devido ao tradicionalismo e o processo normatizador que cerceia essa modalidade (SOARES; MOURÃO, 2017). Mesmo que o CP não evidencie esse critério no masculino, as bancas de arbitragem cobram e avaliam a parte artística das séries coreográficas (FIG, 2016; 2018).

---

<sup>5</sup> Requisito de Composição (*Composition Requirements*) são quatro requerimentos exigidos por cada aparelho. Cada requerimento vale 0,5, somando um total de 2,0 pontos (FIG, 2016).

Outro ponto bem distinto dentro do código de pontuação e nas apresentações de ginastas é que as coreografias femininas possuem diversos elementos de dança e ginásticos, como definido pelo CP. As coreografias dos homens são coreografias que não apresentam uma sequência de dança, mas por vezes realizando alguns saltos ginásticos. Soares e Mourão (2017) apontam que a masculinidade e feminilidade são normatizadas a partir de múltiplas referências, corroborando para o que é aceito ou não de acordo com o gênero. Desse modo, o corpo, técnicas e movimento corporais incorporam os discursos instituídos socialmente, de modo a naturalizar a performance, ou seja, mulheres devem representar maior elegância e leveza, enquanto homens mais força e resistência.

Ademais, há uma estereotipação por parte de inúmeras pessoas na sociedade de que aquele homem que pratica modalidades que requerem maior graciosidade acaba por deslegitimar o gênero masculino, considerando como homossexual (FERRARI; DE SOUZA; DE CASTRO, 2018).

[...] com as novas construções simbólicas da modernidade, os homens tornaram-se menos bem-vindos nesse território, que seria um desprestígio relativo às novas construções sobre o corpo: até então ligado ao prazer, passou a ser instrumento de produção. Sendo uma profissão com baixa remuneração, a dança foi progressivamente se definindo como “reino das mulheres”, pois não era atrativa aos homens (FERRARI; DE SOUZA; DE CASTRO, 2018, p. 54).

Essa estigmatização da prática de ginástica artística é proveniente de um reconhecimento da sociedade e das instituições que estruturam determinados mecanismos para reforçar os padrões de movimentos e cultura corporal de homens e mulheres. Nesse pensamento, refletimos a seguinte propositiva: será que há algum tipo de movimento que seja característico de homens e mulheres? Para tentar responder a essa problemática, recorreremos a Mauss (2015), particularmente a parte que trata sobre as técnicas corporais:

Nessas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com *técnicas do corpo*. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo (MAUSS, 2015, p. 405).

Mauss (2015) adentra em um assunto que antes era de domínio particular das áreas biológicas e aborda um trato antropológico sobre as técnicas corporais. Mauss remete que as culturas influenciam direta e indiretamente sobre as técnicas corporais, denominando esse

como um “fato social total”, isto é, “[...] seja como um fenômeno que engloba diferentes dimensões da experiência social e individual (incluindo o psicológico e o social, além do biológico).” (MALUF, 2001, p. 89). Criar um *habitus* propício para a prática e diálogos em torno da temática gênero e sexualidade relacionada com a ginástica, é tentar, de algum modo, quebrar com determinados paradigmas e estereótipos, principalmente com o controle do corpo a partir dessas convenções sociais estabelecidas. Tenta-se romper com o ideário sobre o que é movimento corporal masculino e feminino (MALUF, 2001; MAUSS, 2015).

Os esportes são considerados como uma das instituições que modelam e/ou normatizam os corpos, juntamente da família, escola, trabalho e outros ambientes (SOARES; MOURÃO, 2017). Como apontado, não é somente nos esportes que há definições quanto a sexo, gênero e sexualidade, principalmente sobre a ordem compulsória entre esses. Os espaços sociais e esportivos acabam sendo reflexos da cultura e da sociedade, reproduzindo determinados comportamentos sociais, sendo considerados como uma extensão de ideários tradicionais, que possuem perspectivas binárias sobre gênero e sexualidade. Nesse sentido e observando a atual conjuntura política, histórica e social do Brasil, a Ginástica Artística é uma modalidade cheia de estigmas, principalmente devido aos movimentos corporais. De fato, esses estigmas corroboram para a inviabilização das práticas gímnicas em ambiente escolar ou não escolar, não constituindo uma cultura desses espaços, sobretudo não discutindo com outros eixos transversais e que ampliam a compreensão e a formação do ser humano. Assim, há a necessidade de reflexões sobre a cultura e várias outras temáticas de modo a minimizar os preconceitos, ressignificando os espaços e a sociedade, entendendo a diversidade existente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De fato a sociedade é influenciada por estruturas estruturantes que acabam por intervir diretamente sobre o comportamento verbal ou não verbal de todos os sujeitos, como apontado por Bourdieu (2002) e Butler (2017), mesmo se distanciando em determinados momentos. Alicerçados a essas estruturas temos o esporte como um espaço capaz de realizar transformações sociais e culturais, podendo ressignificar ou reforçar determinados paradigmas sociais. Embora esses espaços ressignifiquem os símbolos, sentidos, significados e linguagens, há ainda uma influência de outros contexto não esportivos e de outras estruturas que ainda detém um pensamento preconceituoso e que influenciam diretamente sobre o campo esportivo.

O espaço da ginástica artística pode ser considerado como um lócus híbrido e que se apresenta receptível perante as pluralidades de gênero e sexualidade. No entanto, esse campo

ainda reforça o binarismo existente a partir da historicidade da modalidade, do código de pontuação vigente e das distinções da categoria masculina e feminina. Nesse documento é evidenciado determinados critérios avaliativos que diferenciam e estigmatizam os movimentos e técnicas corporais, exigindo determinadas habilidades físicas para os homens e para as mulheres, tal como ocorre na sociedade. Mesmo que entendamos que as técnicas corporais é um constructo provindo não somente das questões biológicas, mas das relações constituídas consigo, com o outro e com o meio, sobretudo individual e coletivamente, ainda há uma estereotipação heterocisnormativa dos corpos e dos movimentos na ginástica artística.

Retomando a narrativa inicial, há de identificarmos que as estruturas estruturantes são responsáveis por essa estereotipação e generificação nos esportes, mesmo daqueles que não fogem a essas normativas serão rotulados a partir dos preconceitos construídos, simplesmente por incorporar nos corpos as técnicas de movimentos específicas da ginástica artística para além do espaço de treinamento e de competição, tal como a plasticidade. A masculinidade, feminilidade, heterossexualidade e homossexualidade são pontos discutidos veemente na sociedade e, não tão distante, nos esportes. Há a necessidade de reflexões mais amplas, sobretudo de uma ressignificação dos corpos, dos movimentos e técnicas corporais e, principalmente, das práticas esportivas, rompendo com a generificação e naturalização instituída. Por fim, as estruturas estruturantes têm que transgredir esses ideais binários de gênero e sexualidade a fim de oportunizar condições para que todos tenham oportunidades para realizar qualquer prática que lhes convém, sem serem julgados.

## Referências

- BEAUVOIR, S. D. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 14. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CARRARA, P.; MOCHIZUKI, L. Influência do Código de Pontuação no treino da Ginástica Artística Masculina. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 4, p. 691-699, 2011.
- DE BRITO, L. T.; PONTES, V. S.; PEREIRA, E. G. B. Masculinidades Queer no Voleibol-revisitando The Iron Ladies. **TEXTURA-ULBRA**, Canos, v. 18, n. 38, 2016.
- DOS ANJOS, L. A.; GOELLNER, S. V. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I., *et al* (Ed.). **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**. 1 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017. cap. 2, p.51-72. (Coleção Educação Física).

FERRARI, A.; DE SOUZA, M. L.; DE CASTRO, R. P. Fazendo e desfazendo gênero em Billy Elliot. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 36, n. 73, p. 51-67, 2018.

FIG. 2017 – 2020 Code of Points: Women’s Artistic Gymnastics. Lausanne: Fédération Internationale de Gymnastique, 2016.

\_\_\_\_\_. 2017 Code of Points: Men’s Artistic Gymnastics. Lausanne: Fédération Internationale de Gymnastique, 2018.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, p. 71-83, Mar. 2010.

GONÇALVES, A. O. G. Sexualidade, Masculinidades e Dança: o preconceito e o (des) respeito ao bailarino numa incursão aos filmes Billy Elliot e Dzi Croquettes. In: DE FREITAS, E. M.; MARTINEZ, F. J., *et al* (Ed.). **Gênero, Sexualidade e Corpo**. Goiânia: UFG/CIAR; Gráfica UFG, 2014. p.101-1014.

LANZ, L. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MALUF, S. W. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, Santa Catarina, v. 9, n. 9, p. 87-101, 2001.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Altas, 2010.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. **Fundamentos das ginásticas**. 1. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Apontamentos sobre a evolução histórica, material e morfológica dos aparelhos da Ginástica Artística masculina. **Journal of Physical Education** Maringa, v. 22, n. 2, p. 283-295, 2011.

PAOLIELLO, E. **O universo da ginástica**. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2011.

PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é vida: Atividade Física e Esportivas para Todas as Pessoas**. Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento 2017.

PUBLIO, N. S. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2002.

QUITZAU, E. A. Da ‘Ginástica para a juventude’ a ‘A ginástica alemã’: observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 111-118, 2015.

SOARES, C. L. **Educação Física: Raízes européias e Brasil**. Campinas, Autores Associados, 2001.

SOARES, J. P. F.; MOURÃO, L. "Corpos que escapam": performatividades de gêneros, sexualidade e a abjeção no levantamento de peso. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I., *et al* (Ed.). **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**. 1 ed. Ijuí: Unijuí, 2017. cap. 3, p.73-94. (Coleção Educação Física).

TRANGBÆK, E. Gender in modern society: femininity, gymnastics and sport. **The International Journal of the History of Sport**, v. 14, n. 3, p. 136-156, 1997.

TSUKAMOTO, M. H. C.; KNIJNIK, J. D. Ginástica Artística e representações de masculinidade no Brasil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 3, 2009.